



Um menino abandonado.
Uma matilha de cães... e as
ruas frias de Moscou.



“A escuridão cai devagar, anunciando o fim daquela tarde de outono. A hora entre o cão e o lobo. O momento em que luz e sombras se mesclam, em que o medo se une às possibilidades. Tudo parece hesitar entre cão e lobo, entre uma coisa e outra, até o momento em que a noite, como um lento suspiro, finalmente cobre a cidade.”

A história de uma criança que cresce sob o amparo de bestas – cães, lobos, outras – não é inédita. Rômulo, Remo e a Loba, mito fundador de Roma, Tarzan ou Mogli: exemplos diversos poderiam ser reunidos numa antologia de meninos selvagens.

A inspiração para o *A hora entre o cão e o lobo*, publicado pela editora Argumento, está na vida real. Um menino russo foge abandona passa a viver com uma matilha de cães.

Eva Hornung criou uma história tão vívida, tão visceralmente convincente, que, além de original, ela se tornou também exemplar.

Abandonado em Moscou no inverno rigoroso, um menino de quatro anos de idade, faminto, segue uma cadela viralata até o seu esconderijo noturno. Em meio à escuridão, por entre pelos, garras e dentes, ele avista os filhotes que sugam o leite de sua mãe.

Romochka junta-se a eles e assim tem início sua vida de cachorro. Frágil, com seus dentes de criança e seu olfato humano, Romochka não tem as vantagens nem os atributos de seus companheiros. Por outro lado, ele pode aprender a ser diferente, já que esta é uma habilidade que o ser humano consegue desenvolver. Um dia, no entanto, Romochka terá de aprender novamente a ser um menino.

A matilha e seu líder acabam por chamar a atenção da polícia e de um casal de cientistas, que estudam o caso do menino selvagem.

Ao abrigar Romochka numa matilha, a escritora australiana Eva Hornung escreve, de forma lúcida e distanciada, sobre a desintegração e a persistência obstinada da comunidade, da família. O livro aponta também para o abraço vacilante da sociedade, para as consequências da marginalidade social e da exclusão. Ao fazer isso, a autora retrata a brutalidade, a ternura, o desamparo dos humanos, ao passo que explora a natureza animal e o que ela traz à nossa humanidade.

Neste romance, Hornung escreve sobre a vida nas ruas, para os cães e para os homens. Muitas vezes é difícil apontar a diferença entre os dois mundos. Vivendo lado a lado nos subúrbios de uma Moscou gelada, homens e cães reviram juntos os lixos da cidade e buscam um pouco de calor e ajuda onde conseguem encontrar. Romochka é um personagem convincente e complexo – carinhoso, bravo, selvagem, estranhamente belo.

Sob o título de *Dog boy*, *A hora entre o cão e o lobo* foi publicado em 2009 primeiramente na Austrália (Text) e depois nos Estados Unidos (Viking), Inglaterra (Bloomsbury) e Canadá (HarperCollins).

Os direitos já foram comprados em mais de dez países, entre eles: Holanda (House of Books), Portugal (Presença), Itália (Piemme), Alemanha (Suhrkamp), Espanha (Salamandra), Rússia (Centrepolygraph Publishers), France (City Editions) e Índia (Mehta Publishing).



A hora entre o cão e o lobo
Editora Argumento
ISBN: 978-85-88763-12-8
272 páginas | R\$ 36,00

SOBRE A AUTORA

EVA HORNUNG nasceu em Bendigo, Victoria (Austrália), em 1964. Sob o pseudônimo Eva Sallis, é autora de ficção e de crítica literária. Muitos de seus livros exploram temas sobre cultura, exílio e pertencimento. Seu primeiro romance, *Hiam*, ganhou os prêmios literários The Australian Vogel (1997) e Nita May Dobbie e foi selecionado para concorrer aos prêmios de melhor livro do ano de 1999 e 2000 (prêmios Courier-Mail e National Fiction Award, respectivamente).

Hornung estudou a língua árabe, intensivamente, por 7 anos; ela viaja com frequência para o Oriente Médio, em particular para o Iêmem e para o Líbano. Está traduzindo histórias do escritor iemenita Abd al-Kareem al-Razihi, e publicou duas dessas histórias na revista literária *Heat*, em 2005.

The Marsh Birds, ambientado no Iraque, na Síria, na Indonésia, na Austrália e na Nova Zelândia, ganhou o prêmio literário Asher em 2005 e foi selecionado para concorrer aos prêmios The Age Book of the Year 2005, NSW Premier's Literary Awards, Christina Stead Prize for Fiction 2006, National Fiction Award, Festival Awards for Literature 2006, Commonwealth Writers Prize, Best Book South East Asia and Pacific Region 2006.



SAIU NA MÍDIA

Inglaterra

Extraído do The Guardian

13/02/2010

theguardian

*Quem é o melhor amigo, o homem ou o cão?
Melhor escolher o cachorro*

→ Por John Burnside

No verão de 1998, um menino selvagem chamado Ivan Mishukov surgiu nas ruas de Reutova, perto de Moscou. Ele vivia com uma matilha de cães. Mishukov tinha seis anos de idade e já estava com a matilha há dois anos. Tinha sido abandonado pela mãe – ou talvez tivesse fugido do apartamento onde morava, com a mãe e seu namorado alcoólatra. Durante esse meio-tempo, ele acabou formando um forte laço com os animais, que o aqueciam durante o inverno russo, que podia chegar a 30 graus negativos. Em diversas ocasiões, os cães também já o haviam protegido de policiais que tentavam levá-lo para um abrigo. Finalmente conseguiram separar Ivan da matilha. Ele ficou algum tempo em um abrigo para crianças, antes de ser reintegrado à sociedade. A ideia era a de que ele pudesse esquecer sua vida anterior e adotar (como dizia um dos relatórios) “o comportamento normal dos seres humanos”.

Relatos sobre crianças selvagens que vivem em companhia de cães ou lobos não são novidade, embora o número dessas crianças tenha aumentado consideravelmente, de dez anos para cá. É tentador concordar com Dmitry, cientista que descobre o menino selvagem neste livro fascinante e comovente, quando ele diz que o menino “tinha uma vida melhor com os cachorros do que com os humanos (...) Para começo de conversa, ele não tinha contato com drogas. Não cheirava cola e nem gasolina. Provavelmente não era vítima de estupros.

As crianças de rua com oito anos de idade eram, quase sem exceção, vítimas das três coisas.” Sem dúvida o que era considerado normal na vida pré-canina dessas crianças devia ser bem menos educativo e bem mais perigoso do que viver em matilha, uma vida na qual as crianças não passam frio, recebem carinho, convivem com um forte senso de lealdade e de comunidade, elementos que costumam estar ausentes na vida das crianças que são vítimas de maus tratos. Portanto, ao optar por escrever sobre uma criança assim (Romochka, o menino-lobo da autora, não é Ivan Mishukov, embora os dois tenham várias características em comum), a escritora australiana Eva Hornung, ganhadora de vários prêmios, abre uma caixa de Pandora repleta de questões sobre a nossa humanidade, o modo como lidamos com outras criaturas e aquilo que consideramos normal.

Livros escritos sob a ótica dos cães não são novidade, mas Eva Hornung enfrenta um desafio muito maior com o seu *A Hora entre o Cão e o Lobo*. Pois enquanto o narrador canino pode apelar para uma fonte quase inesgotável de encantos, tristeza, uma leve ironia e humor fácil para dar continuidade à história, isso é praticamente impossível quando o personagem central é uma criança abandonada, vítima da negligência. Hornung fala sem rodeios sobre como é a vida nas ruas, tanto para os cães quanto para os seres humanos, e há momentos em que é difícil dizer qual a diferença entre os dois. Contudo, por mais direto que seja *A Hora entre o Cão e o Lobo*, Romochka é um “menino-lobo” complexo, verossímil, comovente: esperto, gentil, furioso, selvagem, estranhamente encantador. O livro também é uma análise bastante convincente sobre o dia-a-dia de uma matilha de cães selvagens. Animais e seres humanos convivem nessa terrível cidade de sonho: juntos, vasculham uma enorme montanha de lixo nos subúrbios da cidade e buscam calor e alimento onde quer que possam encontrar. Aparentemente, a única diferença entre eles é que os cães

continuam a ser leais uns aos outros mesmo nos momentos de maior desespero, enquanto que os seres humanos são vítimas constantes da própria fraqueza, prejudicando seus iguais, e também os animais ao redor, com uma crueldade muitas vezes gratuita.

A Hora entre o Cão e o Lobo é uma obra incrível, um verdadeiro *tour de force*. Mas confesso ter me sentido um pouco triste quando a vida de Romochka com a matilha é interrompida, primeiro pela *militzia* e depois por dois psicólogos que trabalham com crianças e que, apesar de terem boas intenções, acabam se intrometendo demais em sua vida. O mundo que Hornung cria ao redor de Romochka é um mundo de fome e frio terríveis, onde o perigo e a morte são ameaças constantes. Mas é um mundo também extremamente rico, descrito sensorialmente em detalhes, e é difícil querer sair dele. Obviamente seria errado revelar o fim da história (na qual a sensação permanente de que algo de ruim pode acontecer nunca cessa), mas é preciso dizer que a ambiguidade das últimas páginas é perturbadora. Quando chegamos ao doloroso fim, no qual questões primordiais sobre confiança e manipulação são deixadas em aberto, *A Hora entre o Cão e o Lobo* é um livro que não apenas comove mas também nos urge a refletir sobre as questões morais e filosóficas que são o cerne da obra.

Extraído do Review on Monsters and Critics.com

02/04/2010



→→ Por Sandy Amazeen

Deixe a incredulidade de lado por algumas horas e se prepare para mergulhar no submundo e na sujeira de Moscou, onde miseráveis vasculham latas de lixo para conseguir sobreviver e mães vendem seus bebês. É nesse ambiente que

surge Romochka, um menino de quatro anos de idade. Ele é abandonado no apartamento durante a evacuação em massa do prédio onde mora, que está caindo aos pedaços. A criança resolve seguir uma cadela pelas ruas até chegar ao esconderijo de sua família canina, no porão de uma igreja em ruínas. Romochka passa os dois anos seguintes aprendendo táticas de sobrevivência com essa matilha de cães, garantindo seu lugar neste mundo extremamente difícil em que a habilidade de farejar e caçar é crucial.

Mesmo depois de garantir seu lugar na matilha, a curiosidade natural de Romochka faz com que ele saia em busca da companhia dos humanos, o que acaba tendo consequências trágicas. Sua amizade com a funcionária de um restaurante resulta em uma amarga traição que irá alterar o curso de sua vida.

Uma história comovente, agonizante e de grande sensibilidade, esta variação do mito do “menino-lobo” é um contundente exemplo das dificuldades por que passam crianças de rua, não só na Rússia, mas em todo o mundo. O elo entre os humanos e os cães e a natureza da compaixão são os temas centrais da obra, cuja leitura não é tão densa quanto pode parecer.

Estados Unidos

Extraído do USA Today

19/03/2010



A hora entre o cão e o lobo apresenta uma fábula comovente e impressionante

→→ Por Korina Lopez

O título em inglês, *Dog Boy* (“Menino-Cão”), parece uma manchete daquelas revistas sensacionalistas que vemos perto do caixa nos supermercados.

Mas não se engane: a obra não é nem um pouco sensacionalista. O livro conta a comovente história de Romochka, uma criança que cresce na companhia de uma matilha de cães selvagens.

Abandonado pela mãe e pelo “tio”, Romochka resolve arriscar sair da segurança do apartamento onde mora e vai para as perigosas ruas de Moscou. Sentindo fome e frio, ele segue uma cadela de rua até seu esconderijo, onde acaba sendo aceito como um dos membros da matilha.

Mamando na cadela-mãe, que ele chama de “*mamochka*” (“mamãe”, em russo), e se encolhendo no meio dos filhotes para se proteger do frio, ele não apenas consegue sobreviver ao inverno implacável como a várias outras ameaças. Com o tempo, a fronteira entre o humano e o canino desaparece. Mesmo assim, Romochka não consegue deixar de lado a atração que sente por aqueles de sua própria espécie e acaba buscando sua companhia.

Sua aparência e seu comportamento estranhos atraem uma atenção indesejada, primeiro por parte da implacável polícia militar e depois por parte de cientistas curiosos.

Eva Hornung aborda o tema já bastante explorado das crianças selvagens detalhando de maneira cuidadosa e discreta a história para melhor ilustrar a inocência de Romochka. Seu encantamento acaba perdendo o efeito quando, de repente, o foco da história passa a ser os dois cientistas que pretendem estudá-lo. Fora isso, é um livro maravilhoso, muito bem escrito, uma história perturbadora, difícil de esquecer mesmo depois de terminada a leitura.

Extraído da
Publishers Weekly



Esta história corajosa e criativa de um menino abandonado em um subúrbio de Moscou, que passa a viver com uma matilha de cães selvagens, desafia a nossa noção de improbabilidade.

Hornung (*Fire Fire*, etc) retrata o jovem Romochka ao longo de dois anos difíceis, como um menino de quatro anos de idade e como um menino selvagem. A evolução de Romochka — de outsider a líder de uma matilha de cães — é retratada com muita verossimilhança. Com muita competência, Hornung descreve um mundo de pesadelo: catadores de lixo, mendigos, e os amigos ocasionais. À medida que Romochka cresce, se aguça a sua curiosidade sobre o mundo dos humanos, do qual ele havia fugido. A colisão é inevitável quando Romochka é capturado por um cientista que quer usá-lo para suas experiências. Hornung sabe como arrancar a emoção de uma cena, tornando a ligação entre o menino e o cão algo muito comovente, embora sem sentimentalismos. Em suas mãos, esta história envolvente transforma-se numa investigação sobre a humanidade e num retrato vívido de uma entre as milhões de crianças abandonadas da Rússia.

Extraído do Booklist

Booklist

→→ Por Ellen Loughran

Eva Hornung conta a emocionante história de um menino de quatro anos de idade que é abandonado e sobrevive ao ser adotado por uma matilha de cães selvagens. A estrutura complexa do livro abarca tanto os personagens quanto o ambiente. A autora caracteriza seus personagens com grande empatia e riqueza de detalhes. E o ambiente onde se passa a história também é descrito com grande habilidade: vai aumentando aos poucos, desde o claustrofóbico esconderijo onde moram os cães até o decrepito vilarejo improvisado perto de sua toca, e depois para a vasta cidade de Moscou. No âmago da história está a questão da sobrevivência — tanto do menino quanto dos cães, que são perseguidos por outros cães, pelas pessoas desvalidas e cruéis ao redor e pela polícia militar, encar-

regada de eliminar os desabrigados de Moscou e exterminar cães de rua. A autora escolhe sua linguagem com cuidado, tecendo uma prosa ao mesmo tempo lírica e realista para que tenha o máximo de impacto. As reações ao clímax e ao desfecho da história variam: a chocante brutalidade poderá ser vista como trágica ou redentora, ou as duas coisas. O contraste que Eva Hornung cria entre o comportamento amoroso dos cães e a violência e deslealdade de algumas pessoas nos faz questionar a nossa própria definição do humano.

Extraído do Cleveland Plain Dealer

22/03/2010



Em A Hora entre o Cão e o Lobo, Eva Hornung cria uma história perturbadora

→ Por Kristin Ohlson, articulista convidada

Nos arredores decadentes da Moscou pós-Pestroïka, o protagonista de *A Hora entre o Cão e o Lobo*, brilhante e perturbador livro de Eva Hornung, está sozinho em seu apartamento, ouvindo o som que os moradores fazem ao abandonar o prédio. Ele tem quatro anos de idade.

Nos corredores e nas escadas, pessoas praguejam, arrastam seus pertences. Batem as portas. A mãe do menino já está desaparecida há uma semana, e seu “tio” – que já levou embora a maioria dos móveis do apartamento – também não aparece há dias. Os canos de calefação estão frios, o telefone está mudo, o fogão elétrico não faz ruído algum quando Romochka comete o ato proibido de tentar ligá-lo.

Desesperado, ele quebra todas as regras impostas pela mãe e se aventura pelas ruas geladas.

As pessoas na rua não se interessam por ele e nem parecem muito amigáveis. A criança acaba seguindo uma grande cadela de cor dourada – a

única criatura que parou para olhar para ele. “Tudo ao redor de Romochka estava cinzento e nebuloso; então, pensou, teria de se virar com ela mesmo. Quem não tem nada, se vira com o que tem. Sua mãe dizia isso sobre o apartamento, sobre o Tio, sobre a televisão que chuviscava; e também sobre ele, nas noites em que ela não saía para trabalhar.”

A cadela dourada leva Romochka até seu esconderijo, nas ruínas de uma igreja, pondo fim à discórdia entre os dois membros mais jovens de sua matilha. Lá, a cadela se deita junto a seus quatro filhotinhos. O menino, morrendo de frio, sentindo muita fome, aproxima-se dela: ela rosna, um rosno que ele percebe ser um “um rosno para que ele se comportasse, não para que ele saísse dali.”

Acaba conseguindo se aproximar dela e ela começa a limpá-lo com a língua. Ele consegue mamar e enche a barriga com o leite de sua nova Mamochka – que é, como sua mãe humana diria, a única coisa que ele tem, aquilo com que “ele tem de se virar”.

E, assim, a matilha de cães selvagens adota Romochka, o que acaba sendo ao mesmo tempo sua salvação e sua tragédia. Uma prova da grande habilidade de Hornung é que o leitor raramente fica enjoado com a transição de Romochka para as exigências da vida de cão, os rituais caninos de farejar, lambar e comer a carne crua de um rato que acabou de ser caçado.

À medida que Romochka vai amadurecendo, ele percebe, com grande angústia, que os filhotes têm habilidades que ele jamais terá. Mesmo assim, ele consegue adaptar sua astúcia e suas habilidades humanas à matilha, o que permite que todos sobrevivam naquele ambiente árido, dominado por uma montanha feita de lixo, cujo frágil pano de fundo é o mundo onde habitam pessoas desabrigadas e desesperadas.

Ele mesmo se transforma numa espécie de celebridade para os habitantes locais, uma criatura mítica e malcheirosa, com uma juba enorme de cabelos negros, hábil no manejo de sua clava. O verdadeiro perigo são os adolescentes entediados e vagabundos, os estranhos bem intencionados e a

polícia, encarregada de abordar os desabrigados e os cães selvagens e de rua.

Dois médicos acabam se interessando por Romochka, mas é aí onde a autora vacila: os dois são personagens confusos, uma mistura de avidez científica, insensatez e boas intenções. Embora sejam cruciais para a história, não têm substância. Acabam sendo um empecilho para a história.

A Hora Entre o Cão e o Lobo foi inspirado na história real de um menino russo negligenciado pela mãe e adotado por cães selvagens. Se o leitor já adora cães, o livro o deixará (assim como na leitura de *The Story of Edgar Sawtelle*, de David Wroblewski) com vontade de abraçar seu cachorro de estimação, percebendo que não tinha uma ideia tão clara das incríveis capacidades desses animais.

Mesmo que o leitor não goste de cachorros, a autora australiana Eva Hornung, ganhadora de vários prêmios literários, acabará conquistando sua admiração com essa história sobre o milenar elo entre o cão e o homem, mesmo que seja uma história que nos faça lamentar a fragilidade do elo entre os próprios seres humanos, as diferentes maneiras como esse elo se desfaz e se rompe.

Canadá

Extraído do *The Toronto Star*

16/04/2010

A Hora Entre o Cão e o Lobo

Um menino de Moscou vira um menino-lobo na companhia de uma matilha de cães nesta desconcertante obra de Eva Hornung

→ Por Barbara Carey

O que nos diferencia dos animais? No novo romance de Yann Martel, *Beatrice & Virgil*, há um burro e um macaco falantes. É o livro mais recente entre os inúmeros exemplos de escritores

que projetam características humanas em outras criaturas, com propósitos alegóricos.

Escritores já fizeram uso desse artifício para representar a fera interior adormecida sob o exterior civilizado nas histórias de horror (como, por exemplo, no caso de *O Médico e o Monstro*, de Robert Louis Stevenson). Há livros escritos sob a ótica de um animal (um exemplo é *The White Bone*, de Barbara Gowdy, com elefantes africanos) e histórias sobre crianças selvagens criadas por lobos ou outras criaturas (como *Mowgli*, o *Menino Lobo*).

A Hora Entre o Cão e o Lobo é a fascinante e perturbadora contribuição da escritora australiana Eva Hornung a esse gênero. O principal personagem da história é praticamente um mestiço, um vira-lata: tem um pé, ou pata, no mundo humano e a outra no reino animal. Romochka foi abandonado quando tinha quatro anos de idade em um apartamento de Moscou. Desesperado, mas esperto, ele acaba se aventurando pela rua, imaginando que “não devia ser tão difícil assim achar comida e um lugar quentinho. Os adultos conseguiam o tempo todo, com ou sem dinheiro.”

O menino segue um cão de rua até seu esconderijo, no porão dos escombros de uma igreja, numa área nos arredores de Moscou conhecida como “Depósito de Lixo”. E de fato acaba sendo adotado pela cadela que é líder da matilha, Mamochka, que lhe dá de mamar também, junto com seus filhotes. E assim tem início sua vida em companhia dessa família de quatro patas. Os novos companheiros de Romochka não são cães de estimação mimados que andam com botinhas nas patas ou se alimentam de ração Purina “premium”. São animais de fato selvagens. E os leitores de estômago mais sensível devem se preparar: em várias passagens, Eva Hornung descreve esse lado selvagem de maneira bastante explícita.

Por exemplo, Romochka e uma de suas “irmãs”, a Irmã Negra, devoram um rato: “Ele entregou-lhe o rato e ela o abriu com grande delicadeza, e então inclinou a cabeça na direção de Romochka. Ele ficou extremamente feliz. Deitaram-se com a barriga para baixo e dividiram a comida. Romochka decidiu que

aquela era sua comida favorita. Mastigou a área entre as costelas escorregadias até a carne tenra no meio, ocultando a cabeça com a mão, para que Irmã Negra não mastigasse e comesse seu tesouro.”

Mas os atos mais brutais são aqueles cometidos por seres humanos. Em toda a narrativa, Hornung compara de maneira bastante sutil características dos seres humanos e dos animais. No mundo canino, dentes e línguas são importantes para a comunicação, assim como para a fala humana – não para formar palavras, mas para morder de leve, lambe e expressar sentimentos com latidos, rosnados e ganidos.

A organização social dos cães também é parecida com a nossa. Existe a lealdade e o apego aos membros da família, a possessividade quanto ao território. As observações que Romochka faz do comportamento das pessoas são sempre determinadas pelo que ele conhece de sua vida em matilha: “Brigavam e gritavam (...) Roubavam uns dos outros, espancavam-se até ficarem caídos no chão (...) Copulavam até mesmo quando um deles não queria. Outras vezes, tocavam-se com uma ternura tão grande que isso deixava Romochka muito confuso, nostálgico.”

A Hora Entre o Cão e o Lobo é uma história instigante sobre a sobrevivência, uma sensível narrativa sobre a vida de um personagem desajustado, que não se sente nem inteiramente canino e nem inteiramente humano. Romochka descobre que as pessoas, em sua maioria, são hostis ou indiferentes. A milícia periodicamente está encarregada de eliminar os cães de rua. Os *bomji* (desabrigados) que vagueiam pelas ruas também são uma ameaça constante.

Parece estranho falar de caracterização de personagens quando a maioria deles tem quatro patas, mas Hornung faz um excelente trabalho ao delinear as personalidades de cada um dos cães. O filhote que Romochka chama de Irmã Branca, por exemplo, é de temperamento dócil e acaba se tornando sua companheira favorita. Todos os seus parentes caninos recebem nomes semelhantes, mas lá pela metade do livro, quando Mamochka acrescenta à sua prole selvagem mais um membro, um bebê humano que ela leva para casa, Romochka batiza o menino de Filhote.

Ao longo da narrativa, Romochka passa de um estágio em que instintivamente foge de qualquer contato com os seres humanos (memórias dos humanos desaparecem como se fossem um sonho, “um mundo vagamente colorido, cheio de odores”, em oposição à “escuridão de cheiros fortes” do esconderijo, um mundo de “pelos, garras e dentes”) ao estágio em que se aventura perigosamente na sociedade dos humanos. À medida que passa a interagir mais com as pessoas, ele aprende que consegue penetrar naquele mundo – embora os humanos ao seu redor precisem tapar o nariz por causa de seu mau cheiro. Romochka, por sua vez, acha que a maioria das pessoas “fedem a sabão”.

Na última parte do livro, Hornung introduz o ponto de vista dos humanos na forma de dois personagens: um cientista que estuda o comportamento humano, Dmitry, e sua companheira de pesquisa e também namorada, Natalya. Eles administram um centro que abriga crianças de rua e acabam sendo responsáveis pelos cuidados de Filhote. Hornung utiliza esses personagens para melhor expor o elo entre o comportamento humano e o animal – mas, de certa forma, as observações dos pesquisadores revelam mais sobre seus próprios preconceitos e sua soberba do que sobre Romochka.

A Hora Entre o Cão e o Lobo exige que o leitor deixe de lado sua incredulidade. Parece impossível que uma criança em idade pré-escolar possa sobreviver durante anos sob tais circunstâncias. Mas Hornung também nos faz perceber as condições de vida cruas e terríveis na vida de muitas crianças de rua que vivem entre os seres humanos, e não apenas nas ruas de Moscou. Quando as autoridades finalmente conseguem encurralar Romochka, ficam impressionadas com sua saúde. Para uma criança de rua, ele é bastante saudável: não é viciado em cheirar cola e o resultado de seu teste para HIV é negativo. Existem coisas piores do que ter pulgas ou precisar comer carne crua para sobreviver.

Barbara Garey, de Toronto, escreve mensalmente uma coluna de poesia para o The Toronto Star.

Extraído do Rover (Montreal)

28/03/2010



Moscou Entregue às Pulgas

→ Por B. A. Markus

Os motivos por trás da nossa escolha de um determinado livro são tão diversos e misteriosos quanto o infinito escopo dos desejos humanos. Pegamos na estante a nossa batida edição de *Orgulho e Preconceito* quando necessitamos do conforto e consolo que podemos encontrar no universo ordeiro e harmonioso de Jane Austen. A prosa mística de Michael Ondaatje nos faz sair do nosso mundo mental para um reino espiritual, dos sentidos. Se nossa escolha é o último lançamento de Annie Proulx, isso talvez indique que estamos buscando algum tipo de diversão diferente, que reflita sobre a vida em comunidade. As pessoas que lêem *A Hora Entre o Cão e o Lobo* e gostam são aquelas que buscam um tipo específico de emoção, que pode ter efeitos devastadores. A sexta obra de ficção de Eva Hornung (seus outros livros foram publicados sob o nome Eva Sallis) é uma terrível parábola de 290 páginas sobre a vida moderna. E é também uma história visceral, emocionante. A história é narrada com grande beleza, cheia de imagens que se concentram em todas as estações do ano, na Moscou do século XXI. O narrador onipotente pula de um ponto de vista a outro sem fazer esforço, desafiando o leitor a achar algum defeito na narrativa sobre Romochka, o personagem principal, que tem quatro anos de idade e parece saber mais do que deveria sobre os motivos por trás do comportamento ritualístico de seus protetores caninos. O enredo é implacável com suas reviravoltas, repleto de drama, tragédia e suspense.

Se o romance tem uma mensagem, é a de que os cães são inerentemente mais humanos que os próprios seres humanos. Romochka é abandonado no prédio onde reside e que está condenado. Seu destino é se tornar mais uma entre os dois milhões de crianças abandonadas da Rússia. Num mundo apocalíptico pós-Gorbatchev, em que as opções são

morrer de fome, virar viciado em drogas, ir parar em alguma instituição ou ser prostituído por outros seres humanos, Romochka tem a sorte de ser adotado pela sábia e selvagem cadela Mamochka, que leva o menino até o esconderijo subterrâneo de seu clã, nos arredores da cidade. É ela que o alimenta com seu leite, juntamente com seus filhotes, durante todo o terrível e implacável inverno.

A primeira parte do livro relata a vida de Romochka neste clã canino. Sua vida se resume à sobrevivência, e por mais que a prosa esteja repleta de descrições bastante explícitas de sangue, entranhas e órgãos de diversas presas, incluindo gatos, ratos, um pavão, gafanhotos e filhotes, há uma dignidade nas táticas de sobrevivência desse menino-lobo e sua família. Os desabrigados estão sempre por perto, vasculhando a montanha de lixo das redondezas, vivendo em barracos improvisados na floresta, cheirando cola, enterrando seus mortos em covas rasas na neve, pedindo dinheiro ou comida no metrô. “Às vezes, eles pareciam cães doentes ou cães sem dono, solitários”, diz a narradora, e, de fato, em comparação com o senso comunitário e a segurança da matilha de Romochka, os seres humanos são realmente dignos de pena.

As partes II, III, IV e V nos levam cada vez mais para longe do foco canino do livro, já que Romochka se envolve cada vez mais com a civilização humana. Este menino-lobo se sente ao mesmo tempo atraído e repellido pelo mundo dos humanos, inebriado com o cheiro de comida cozida em óleo, com o som da música e dos cantos. Mas acaba sendo vítima da brutalidade e da traição tanto daqueles que são maus como dos que têm boas intenções.

No fim, o romance de Hornung não nos dá respostas fáceis sobre a questão da condição da humana, nem mesmo uma migalha de esperança. É uma história que certamente receberá o selo de aprovação dos leitores que buscam a confirmação de que somos, no fundo, uma espécie cruel e de má índole. Mas, para nós que não partilhamos dessa ideia, que tal um pouco de Jane Austen?

B.A. Markus é escritor e músico. Ele mora em Montreal. Gosta de cães, mas não pretende conviver com eles.

Informações para a imprensa

Giovana Nogueira

11 3337 8399 ramal 23

imprensa@pazeterra.com.br

Departamento comercial

Claudia Santos

11 3337 8399 ramal 24

claudia@pazeterra.com.br

www.pazeterra.com.br



PAZ E TERRA

argumento
EDITORA

